



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.117.A010>

Culpa: Correlatos da mentira, desejabilidade social e locus de controle

Guilt: Correlates of lying, social desirability and locus of control

Layrthton Carlos de Oliveira Santos
Centro Universitário de Patos
<https://orcid.org/0000-0002-9061-4879>
layrthton.oliveira@gmail.com

Jéssica Alves da Costa
Centro Universitário de Patos
<https://orcid.org/0009-0000-1118-3146>

José Ryan Lopes Cabral
Centro Universitário de Patos
<https://orcid.org/0009-0007-9856-5294>

Victória Hellen Lucena Martins
Centro Universitário de Patos
<https://orcid.org/0009-0005-7331-2982>

Resumo

Este estudo objetivou conhecer as relações da culpa com a ansiedade em situações de mentira, com a desejabilidade social e com o locus de controle, além de testar um modelo de moderação do locus de controle entre a culpa e a ansiedade em situações de mentira. Participaram 311 pessoas da população geral com idades entre 18 e 59 anos, sendo a maioria do sexo feminino. Além de um questionário sociodemográfico, para caracterização da amostra, os participantes responderam a Escala de Culpabilidade, a Escala de Ansiedade em Situações de Mentira, a Escala de Locus de Controle de Levenson e a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. Os resultados do estudo apontaram relações positivas entre as dimensões da culpa e da ansiedade em situações de mentira, bem como que suas pontuações totais se correlacionaram negativamente com a internalidade e com a desejabilidade social, e positivamente com a externalidade outros poderosos. Ademais, observou-se que um maior nível da internalidade fortalece a relação entre a culpa e a ansiedade em situações de mentira. O estudo endossa o conhecimento das relações entre as variáveis consideradas, contribui para a literatura e pode inspirar novos estudos.

Palavras-chave: mentira; culpa; desejabilidade social.

Abstract

This study aimed to understand the relationships between guilt and anxiety in lying situations, with social desirability and locus of control, in addition to testing a moderation model of locus of control between guilt and anxiety in lying situations. 311 people from the general population participated, aged between 18 and 59, mostly female. In addition to a sociodemographic questionnaire, participants answered the Guilt Scale, the Anxiety in Lying Situations Scale, the Levenson Locus of Control Scale and the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. Results showed positive relationships between the dimensions of guilt and anxiety in lying situations, as well as that their total scores were negatively correlated with internality and social desirability, and positively with the externality of powerful others. Furthermore, it was observed that a higher level of internality strengthens the relationship between guilt and anxiety in lying situations. The study endorses knowledge of the relationships between the variables considered, contributes to the literature and can inspire future studies.

Keywords: lie; guilt; social desirability.

Resumen

Este estudio pretendía comprender las relaciones entre la culpa, la ansiedad en situaciones de mentira, la deseabilidad social y el locus de control, así como probar un modelo de moderación del locus de control entre la culpa y la ansiedad en situaciones de mentira. Participaron 311 personas de la población general, con edades comprendidas entre 18 y 59 años, en su mayoría mujeres. Además de un cuestionario sociodemográfico, los participantes respondieron la Escala de Culpabilidad, la Escala de Ansiedad en Situaciones de Mentira, la Escala del Locus de Control de Levenson y la Escala de Deseabilidad Social de Marlowe-Crowne. Los resultados mostraron relaciones positivas entre las dimensiones de culpa y ansiedad en situaciones de mentira, así como que sus puntuaciones totales se correlacionaron negativamente con la internalidad y la deseabilidad social, y positivamente con la externalidad de otros poderosos. Además, se observó que un mayor nivel de internalidad fortalece la relación entre culpa y ansiedad en situaciones de mentira. El estudio avala el conocimiento de las relaciones entre las variables consideradas, contribuye a la literatura y puede inspirar estudios futuros.

Palabras clave: mentira; culpa; deseabilidad social.

Introdução

A culpa é caracterizada como um sentimento moral que surge quando o indivíduo percebe ou avalia suas ações ou intencionalidade como fracassadas ou prejudiciais para outras pessoas ou para si próprio, sendo considerada uma emoção desagradável descrita pelo sentimento de responsabilidade, gerando motivação para a busca de reparações e perdão pelos danos cometidos, podendo sinalizar arrependimento (Waller et al., 2020). Esse sentimento modela a forma como o sujeito se enxerga, exercendo influência no comportamento durante interações sociais, levando o indivíduo a agir de acordo com os padrões socialmente desejáveis, buscando pelo perdão como, por exemplo, se desculpando e/ou confessando o erro (Collins, 2020), guiados pela perspectiva ética, moral e/ou religiosa, como é discutido pelas religiões judaico-cristãs nas práticas confessionais e para alívio do sentimento, estando igualmente vinculado a cognições, emoções de natureza empática e a sistemas motivacionais de medo, apego e responsabilidade (Gazzillo et al., 2020; Tangney et al., 2007).

O estado emocional da culpa pode surgir quando uma pessoa faz algo que não é habitual do seu comportamento, sendo incoerente com seus valores e com o que considera certo, quando quebra regras ou transgredir normas sociais, prejudica outras pessoas, se comporta de maneira antiética, manipula, expressa conduta mentirosa e/ou descumpra os valores individuais (Tangney, 1990). Essas ações podem ocorrer de maneira justificada, onde o sujeito realiza as transgressões que o levam a culpa de maneira deliberada, por vontade própria, ou de forma injustificada, no qual ocorre o sentimento de culpa devido ao acometimento de alguma doença ou transtorno, contribuindo para a ocorrência de prejuízos emocionais, sociais e psicológicos no indivíduo, desencadeando sintomatologia ansiosa e/ou depressiva, baixa autoestima, senso de isolamento, ideação suicida, entre outros problemas (Tangney et al., 2007; Aquino & Medeiros, 2009).

Dentre os comportamentos que podem ser causadores de culpa, aponta-se a mentira, que faz parte do cotidiano e vivências das pessoas em diversos contextos, sendo definido como um ato social e psicológico no qual o sujeito é motivado a tentar convencer outros a acreditarem em informações enganosas com intuito de obter ganhos e vantagens, a impedir a ocorrência de prejuízos para si ou a manipular alguma situação para proveito

próprio. O desenvolvimento dessa habilidade está ligado à necessidade de uma maior diversidade de recursos linguísticos para as interações sociais como meio de resolução de problemas ou preservação de interesses pessoais (Vasconcellos et al., 2016). No que concerne às interações sociais, a conduta mentirosa pode prejudicá-las, quando a mentira é malsucedida e causa conflitos nas relações interpessoais, fazendo com que a pessoa perca credibilidade e confiança (Teixeira et al., 2019).

Desta forma, mentir é considerado um ato repreensível, levando em conta que no desenvolvimento das habilidades sociais, as pessoas aprendem a se comportar de modo socialmente desejável, estando atrelado aos valores e condutas positivas, mas há situações em que a mentira é bem-vista como, por exemplo, contextos em que é necessário proteger alguém do sofrimento ou agradar outras pessoas, então tal mentira que tem por função a aceitação social passa a ser chamada de mentira pró-social (Arruda & Souza, 2020). Quando o indivíduo precisa utilizar alternativas para ser aceito em diferentes contextos e ambientes, pode-se considerar o uso da mentira para tal finalidade, o que demanda uma função cognitiva elevada, que por sua vez pode gerar um ciclo de ansiedade, expresso no aumento da frequência respiratória e cardíaca, tensão muscular e excesso de transpiração (Vasconcellos et al., 2022).

Levando em conta os comportamentos e ações realizadas para que os indivíduos tenham meios de inserção e aceitação social, há um fenômeno descrito como desejabilidade social (Júnior & Patrício, 2022). Segundo Farias et al. (2022), esse conceito refere-se à tendência em que os sujeitos reproduzem comportamentos e respostas de maneiras consideradas mais aceitáveis socialmente e que não necessariamente correspondem à realidade do indivíduo, o qual nega-se a manifestar comportamentos, atitudes ou opiniões com valores contrários socialmente e que gerariam críticas a si próprio. A desejabilidade social pode variar de acordo com aspectos do contexto em que a pessoa está inserida, como a questão abordada e a privacidade oferecida ao indivíduo, entre outros aspectos (Bergen & Labonté, 2019).

A desejabilidade social está ligada ao comportamento mentiroso, de modo que mentir sinaliza que as pessoas são preocupadas com sua reputação. Precisamente, o indivíduo que mente deseja muitas vezes se mostrar com imagem favorável a outras

pessoas, atribuindo a si qualidades, opiniões e atitudes condizentes com as normas e valores da sua cultura (Almiro, 2017). Portanto, leva-se em consideração o gerenciamento de impressões, sendo a maneira como o indivíduo gostaria de ser visto por outros, manipulando a realidade e utilizando-se da mentira para satisfazer a necessidade ou desejo de obter aprovação de outros (Butean et al., 2020).

Quando um comportamento antiético é aceito socialmente, pode-se dizer que as diferenças individuais relacionadas à culpa influenciam mais ativamente sobre a decisão de qual comportamento o sujeito irá executar, isso quando os padrões sociais não são claros. Quando há divergências entre os padrões de conduta aceitáveis da sociedade e as crenças pessoais do indivíduo, é possível que a culpa antecipada desempenhe a função de determinar o comportamento que será executado (Mills & Groening, 2021). Uma pessoa que tem seus comportamentos monitorados pelo sentimento de culpa tende a apresentar condutas moralmente aceitáveis, visando inibir esse sentimento desagradável e possíveis consequências de suas ações (Antonetti & Baines, 2015).

Tendo em vista que o sentimento de culpa é gerado a partir da ocorrência de atitudes consideradas impróprias, opiniões ou pensamentos que o sujeito julga errado, acarretando rejeição a si e/ou estando em desacordo com as expectativas sociais, percebe-se então um efeito oposto ao que ocorre na desejabilidade social (Tangney, 1990). Em um estudo de Faccini et al. (2020), foram encontradas correlações negativas entre fatores da culpa e a desejabilidade social. Esse resultado foi interpretado como uma consequência do ódio autoimposto do indivíduo, se descrevendo com uma imagem negativa de si próprio por erros ou transgressões cometidas, sendo inverso ao que é proposto na desejabilidade social, que consiste na busca em apresentar condutas ou respostas aprovadas socialmente.

Os eventos que ocorrem na vida de uma pessoa, sejam sucessos ou fracassos, de certo modo, podem ser atribuídos as consequências de seu comportamento, assim como o indivíduo pode perceber a influência de fatores externos exercendo papel no controle de sua vida, como o acaso ou outros poderosos (Coleta, 1987). O lócus de controle refere-se à percepção e interpretações subjetivas do indivíduo sobre a causa dos eventos que ocorrem em sua vida. O termo “Lócus de Controle” foi criado por Rotter em 1960 no

sentido de controle interno e externo e modificado para a escala multidimensional por Hanna Levenson (1973). O instrumento apresentou três dimensões de controle, sendo eles a dimensão de Internalidade que representa a tendência de pessoas a acreditarem que suas próprias ações/comportamentos que irão definir os acontecimentos em sua vida, Externalidade Acaso que traduz-se na crença de que as situações derivam da influência do acaso ou sorte, e a dimensão Externalidade Outros Poderosos, no qual se refere aos acontecimentos controlados por divindades ou pessoas que estejam em posição de controle na sociedade, e não considera seu próprio comportamento como um fator determinante (Kaplánová & Gregor, 2021).

O locus de controle interno permite ao indivíduo se guiar em um julgamento moral e agir de maneira ética, não garantindo essa conduta, mas facilitando esse comportamento, assim como o locus de controle externo pode atuar no comportamento antiético. Indivíduos que apresentam maior internalidade tendem a agir de maneira mais assertiva, estando de acordo com os valores morais, sofrendo menos consequências adversas como, por exemplo, sofrimento advindo da ansiedade e o que este acarreta, influenciando em maior autoestima e melhores habilidades sociais (Bandeira et al., 2005). Pessoas com locus de controle externo tendem a culpar outros fatores, externos a si, sobre as coisas que ocorrem ao seu redor, responsabilizando outros, sendo menos propensos à assertividade e mais inclinados ao desengajamento moral. Por sua vez, o desengajamento moral corresponde a um mecanismo cognitivo usado para explicar condutas imorais, usando de crenças ou valores em razões lógicas para transformar as ações antiéticas em ações aceitáveis socialmente e assim evitar a culpa, que tende a estar associada ao locus de controle interno (Tahrir et al., 2020).

Objetivos

Diante do que foi apresentado e considerando que não foram encontrados que avaliam conjuntamente as relações entre essas variáveis no cenário brasileiro, destaca-se a justificativa para o mesmo. O objetivo do presente estudo é, portanto, conhecer as relações entre a culpa, a ansiedade em situações de mentira, a deseabilidade social e o

locus de controle, bem como testar um modelo moderador do locus de controle na relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa.

Método

Delineamento e Hipótese(s)

Trata-se de um estudo estatístico de natureza quantitativa, descritiva e correlacional. As hipóteses elaboradas foram:

H1) A culpa estará negativamente relacionada à internalidade;

H2) A culpa estará negativamente relacionada à desejabilidade social;

H3) A ansiedade em situações de mentira estará negativamente relacionada à internalidade;

H4) A ansiedade em situações de mentira estará negativamente relacionada à desejabilidade social;

H5) A internalidade atuará como moderadora na relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa.

Participantes

Participaram 311 indivíduos da população geral, com idades entre 18 e 59 anos ($M=27,16$; $DP=8,79$), sendo a maioria do gênero feminino (65,8%), solteira (74%), de classe média (86,5%), católica (50,3%) e com ensino superior incompleto ou em curso (44,2%).

Instrumentos

Para a caracterização dos participantes foi utilizado um questionário sociodemográfico, com perguntas relacionadas a questões sobre sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade e religião.

Escala de Ansiedade em Situações de Mentira (EASME). Desenvolvida por Vasconcellos et al. (2016), é constituída por 20 itens divididos em dois fatores:

Compromissos e Negócios, que compreende a mentira em contextos acadêmicos, profissionais (e.g., “Mentir após ter quebrado um objeto em uma loja, afirmando que o mesmo já estava quebrado”) e Relacionamentos, que se refere às relações interpessoais (e.g., “Mentir sobre a sua idade em uma conversa informal com pessoas para as quais você foi recentemente apresentado”). É utilizada uma escala do tipo Likert de cinco pontos entre 1 (Discordo totalmente) e 5 (Concordo totalmente). Foram observados índices de consistência interna (alfa de Cronbach e ômega de McDonald) satisfatórios para os fatores Compromissos e Negócios ($\alpha = 0,80$; $\omega = 0,82$) e Relacionamentos ($\alpha = 0,89$; $\omega = 0,91$), bem como para a pontuação total da escala ($\alpha = 0,93$; $\omega = 0,91$).

Escala de Culpabilidade

Desenvolvida por Aquino e Medeiros (2009), a medida é composta por 12 itens divididos em três fatores: Culpa Subjetiva, que retrata sentimentos de remorso e/ou vergonha sobre pensamentos ou ações que considera errado (e.g., “Sinto culpa quando tenho desejos proibidos”); Culpa Objetiva, correspondente a transgressões das regras de conduta, se tornando culpado (e.g., “estou arrependido por algo que eu não deveria ter feito”); e Culpa Temporal que descreve a culpa resultante da perda de tempo relacionado à prática de atividades diárias e profissionais (e.g., “Geralmente me sinto culpado por não ter tempo para as pessoas que eu amo”). Os itens são respondidos em escala Likert de cinco pontos entre 1 (Discordo totalmente) e 5 (Concordo totalmente). Observamos os seguintes índices de confiabilidade para as dimensões da escala: Culpa Subjetiva ($\alpha = 0,82$; $\omega = 0,83$), Culpa Objetiva ($\alpha = 0,79$; $\omega = 0,79$) e Culpa Temporal ($\alpha = 0,81$; $\omega = 0,80$) e Culpa Total ($\alpha = 0,86$; $\omega = 0,86$).

Escala Multidimensional de Lócus de Controle de Levenson

Desenvolvida por Levenson (1973) e validada para o contexto brasileiro por Dela Coleta (1987), a medida é composta por 24 itens divididos em três fatores: internalidade (e.g., “Quando faço planos, sempre tenho certeza de que vou realizá-los”), externalidade/acaso (e.g., “Minha vida é, em grande parte, determinada por acontecimentos inesperados”) e externalidade/outros poderosos (e.g., “Sinto que o que

ocorre em minha vida é determinado principalmente por pessoas mais poderosas do que eu”), sendo respondidos a partir de uma escala de resposta tipo Likert de cinco pontos entre 1 (Concordo totalmente) e 5 (Discordo totalmente). Os indicadores de fidedignidade para os fatores do lócus de controle a partir de nossos dados foram os seguintes: para as dimensões da escala: Internalidade ($\alpha = 0,61$; $\omega = 0,60$), Externalidade Acaso ($\alpha = 0,73$; $\omega = 0,73$) e Externalidade Outros Poderosos ($\alpha = 0,81$; $\omega = 0,81$).

Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (EDSMC)

Desenvolvida por Crowne e Marlowe (1960) e validada para o contexto brasileiro por Ribas et al. (2004), o instrumento é unidimensional e composto por 33 itens (e.g., “Eu nunca fico chateado quando me pedem para retribuir um favor”) respondidos em uma escala dicotômica de verdadeiro ou falso. A escala apresentou alfa de Cronbach (α) e ômega de McDonald (ω) de 0,63 e 0,62, respectivamente.

Procedimentos e Aspectos éticos

A pesquisa foi enviada para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do [OCULTO], tendo a aprovação obtida (número de parecer: OCULTO), após a qual foi dado início à coleta dos dados. O questionário foi elaborado no Google Forms e o *link* de acesso foi divulgado por meio de redes sociais (e.g., Instagram, Facebook, Whatsapp), onde os participantes foram orientados sobre os objetivos do estudo e como proceder com as respostas. Estimou-se que foram necessários 25 minutos para conclusão das respostas ao questionário. A pesquisa foi feita com base na Resolução Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que estabelece os fundamentos éticos que envolvem pesquisas com seres humano. Foram garantidos todos os direitos dos participantes, como consentimento obtido por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sigilo, anonimato, e possibilidade de desistência a qualquer momento desde o início de sua participação no estudo, sem quaisquer implicações.

Análise de dados

Os dados foram tabulados e analisados pelo *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 23), onde foram feitas estatísticas descritivas (e.g., Média e Desvio-Padrão) para a caracterização da amostra; análise de correlação para avaliar as relações entre as variáveis do estudo; correlações parciais para controlar o efeito da desejabilidade social na relação entre as demais variáveis, e análise de moderação realizada com o uso do macro PROCESS (Hayes, 2012).

Resultados

Inicialmente, verificamos a distribuição das variáveis do estudo, os testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, mostraram que nenhuma delas demonstrou ser normalmente distribuída ($p < 0,05$). Diante disso, adotamos correlações não-paramétricas de Spearman. Os resultados correlacionais são apresentados na Tabela 1.

Os resultados mostraram que tanto a pontuação total de ansiedade em situações de mentira quanto os fatores relacionamentos e compromissos e negócios correlacionaram-se positiva e significativamente com a pontuação total da culpa e com seus fatores específicos (culpa subjetiva, objetiva e temporal) e, ainda, negativamente com a internalidade e com a desejabilidade social. O fator externalidade outros poderosos do locus de controle apresentou correlação positiva apenas com a pontuação total de ansiedade em situações de mentira e o fator relacionamentos.

A pontuação total da culpa e seu fator específico culpa subjetiva, por sua vez, correlacionaram-se negativamente com internalidade e com a desejabilidade social e positivamente com externalidade outros poderosos. A culpa temporal também se correlacionou positivamente com esta última variável.

No que se refere aos correlatos entre a desejabilidade social e o locus de controle, observou-se que a externalidade acaso e a externalidade outros poderosos

correlacionaram-se negativamente com a deseabilidade social, enquanto a internalidade correlacionou-se positivamente.

Considerando que a deseabilidade social apresentou correlações significativas com a maioria das variáveis do estudo, torna-se pertinente verificar como essas variáveis relacionam-se entre si quando a deseabilidade social é controlada. Os resultados de correlações parciais mostraram que houve uma redução na magnitude da relação entre o escore total da ansiedade em situações de mentira e a internalidade de -0,21 ($p < 0,001$) para -0,16 ($p < 0,05$), e da relação entre a pontuação total da culpa e a externalidade outros poderosos de 0,16 ($p < 0,05$) para 0,05, deixando essa relação de ser significativa ($p = 0,318$).

Em seguida, buscamos testar como a dimensão internalidade do locus de controle modera a relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa. Como pode ser visto na Tabela 2, constatou-se interação significativa entre a ansiedade em situações de mentira e a internalidade, indicando presença de efeito moderador.

Tabela 1

Matriz de Correlação

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	2,55	0,94	-										
2	2,45	0,90	0,94**	-									
3	2,59	1,23	0,93**	0,83**	-								
4	3,60	0,69	0,36**	0,39**	0,30**	-							
5	3,44	0,91	0,31**	0,33**	0,27**	0,81**	-						
6	3,46	0,99	0,28**	0,31**	0,26**	0,68**	0,41**	-					
7	3,78	0,81	0,26**	0,27**	0,19**	0,75**	0,46**	0,27**	-				
8	3,36	0,52	-0,21**	-0,21**	-0,18**	-0,12*	-0,20**	-0,08	-0,03	-			
9	2,72	0,61	0,04	0,05	-0,00	0,08	0,07	0,03	0,06	0,01	-		
10	2,73	0,68	0,12*	0,13*	0,05	0,16*	0,12*	0,00	0,17*	-0,15*	0,58**	-	
11	0,51	0,14	-0,13*	-0,13*	-0,12*	-0,14*	-0,16*	-0,06	-0,08	0,24**	-0,18*	-0,32**	-

Nota. 1 = ansiedade em situações de mentira (pontuação total); 2 = relacionamentos; 3 = compromissos e negócios; 4 = culpa (pontuação total); 5 = culpa subjetiva; 6 = culpa objetiva; 7 = culpa temporal; 8 = internalidade; 9 = externalidade (acaso); 10 = externalidade (outros poderosos); 11 = deseabilidade social.

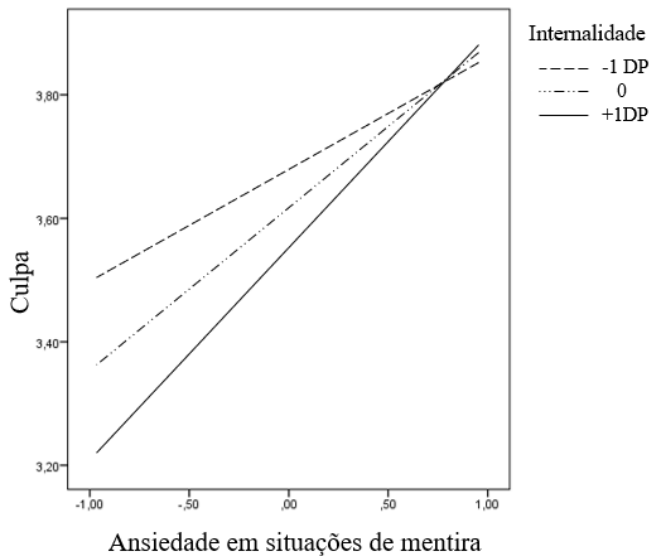
* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$.

Tabela 2*Efeitos do Modelo de Moderação*

	<i>Coefficiente (b)</i>	<i>Erro-Padrão</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante	3,617	0,037	97,777	0,000
ASM (X)	0,265	0,039	6,809	0,000
Internalidade (W)	-0,121	0,070	-1,724	0,085
ASM*Internalidade (X*W)	0,154	0,074	2,077	0,038
Efeitos Condicionais (W)				
-0,488 (16% Inferior)	0,190	0,053	3,591	0,004
0,011 (64% mediano)	0,267	0,039	6,851	0,000
0,511 (16% superior)	0,344	0,054	6,304	0,000

Nota. ASM = ansiedade em situações de mentira.

De acordo com esses resultados, pode-se observar que quando o nível de internalidade é mais baixo, a relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa é mais fraca ($B = 0,190$; $p < 0,01$). Quando o nível da internalidade é moderado, a relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa fortalece ($B = 0,267$; $p < 0,0001$). Já quando o nível de internalidade é mais alto, a relação entre as variáveis preditora e critério manteve-se ainda significativa, porém com maior força ($B = 0,344$; $p < 0,0001$). A Figura 1 apresenta graficamente os efeitos obtidos para diferentes valores da variável moderadora.

Figura 1*Modelo de Moderação*

Discussão

O presente estudo objetivou conhecer as relações entre culpabilidade, ansiedade em situações de mentira, deseabilidade social e locus de controle, assim como testar um modelo moderador do locus de controle na relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa. Para atingir esse objetivo, foram testadas as seguintes hipóteses: H1) a culpa estará negativamente relacionada à internalidade; H2) a culpa estará negativamente relacionada à deseabilidade social; H3) a ansiedade em situações de mentira estará negativamente relacionada à internalidade; H4) a ansiedade em situações de mentira estará negativamente relacionada à deseabilidade social; H5) a internalidade atuará como moderadora na relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa.

Os resultados mostraram que a dimensão total da culpa e seu fator específico, culpa subjetiva, correlacionaram-se negativamente com a internalidade, indicando que indivíduos que se sentem responsáveis por aquilo que acontece em suas vidas, menos culpa tendem a sentir por algo que ocorre. Com isso, fica parcialmente corroborada a hipótese H1 do estudo, tendo em vista que não foram observadas correlações

estatisticamente significativas com os fatores de culpa objetiva e culpa temporal. Esses resultados podem ser discutidos na direção que indivíduos mais pautados na internalidade tendem mais a agir de acordo com os preceitos morais, conforme apontado por Tahrir et al. (2020), de modo que tendem menos a comportamentos de mentira e a experimentarem culpa e ansiedade decorrente desse comportamento, uma vez que evitam o comportamento socialmente indesejável. Também no estudo de Toti et al. (2021), sobre a influência da sensibilidade ética frente ao comportamento dos consumidores, sugere-se que indivíduos que demonstram maior preocupação com a conduta ética tendem a assumir uma maior responsabilidade por suas ações, resultando na reprodução de comportamentos socialmente desejáveis e evitando condutas que possam acarretar consequências para si como, por exemplo, sentimentos de culpa, arrependimento e remorso.

Outra possibilidade de discutir a relação inversamente proporcional entre a culpa e a internalidade é dada por Braun et al. (2022) em seu estudo. Precisamente, os participantes do estudo, médicos oncologistas, sentiam mais culpa quando reconheciam não ter capacidade de influenciar/controlar a realidade do contexto no qual estavam inseridos, levantando o questionamento sobre o entendimento de responsabilidade pessoal como resultado de um controle pessoal. Em outras palavras, de acordo com esse estudo, os indivíduos podem tender a experimentar mais culpa quando percebem que não têm controle sobre o que acontece, isso é, quando a internalidade é menor.

A hipótese H2 do estudo também foi apenas parcialmente confirmada, uma vez que foram observadas correlações negativas entre a pontuação total da culpa e seu fator culpa subjetiva com a desejabilidade social, mas não foi constatado correlação estatisticamente significativa com os demais fatores de culpa. Esses achados mostram que quanto mais o sujeito apresenta sentimento de culpa por algo que aconteceu, menos ele estará de acordo com o que se espera na desejabilidade social, apresentando uma imagem negativa de si mesmo. Tendo em vista que a culpa é um sentimento decorrente de algo que tenha ocorrido e que o indivíduo considera errado, indo contra os padrões morais estaria, por consequência, em desacordo com a desejabilidade social, que por sua vez está relacionada à necessidade do indivíduo transmitir uma imagem favorável de si mesmo (Hooge et al., 2011; Faccini et al. 2020). Foi verificado no estudo de Mills e Groening

(2021) que o aumento da tendência para a culpa diminui o comportamento antiético, dependendo da influência contextual, e ainda no estudo de Xu (2021), a culpa é considerada uma emoção autoconsciente, especificamente negativa, que suscita na autoavaliação e na autorregulação referente a comportamentos e comunicação social em diversas esferas.

Nossos resultados apresentaram uma relação inversa entre a ansiedade em situações de mentira e a internalidade, indicando que quanto mais um indivíduo acredita que tem responsabilidade pelos eventos que ocorrem em sua vida, ou seja, quanto mais apresenta internalidade, menos ele tenderá a experienciar o sentimento de ansiedade diante da conduta mentirosa. Os resultados foram de encontro aos dados obtidos no estudo de Mays e Krueger (2021), esses autores discutiram que níveis mais elevados de locus de controle interno levam a níveis mais baixos de ansiedade, o que evidencia uma maior capacidade de controle do indivíduo sobre as situações do seu cotidiano e como este se sente. Desse modo, pessoas que tem pontuações maiores em internalidade apresentam acentuada confiança e uma tendência a lidar de forma eficaz diante da conduta mentirosa, evitando prejuízos a si próprio, e assim sentindo-se menos ansiosos (Bandeira et al., 2005). Stapinski et al. (2010) também observaram que indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada tinham menor nível de locus de controle interno, constatando que esses sujeitos tendem a interpretar o que acontece em suas vidas atribuindo causa aos fatores externos, apresentando menos internalidade. No estudo de Christopher et al. (2009), mostra que pessoas com maiores pontuações em locus de controle interno, apresentam níveis de bem-estar físico e mental mais elevado, demonstrando mais felicidade e conseqüentemente menos ansiedade. Diante desses achados, fica corroborada a hipótese H3 do estudo.

De igual modo, a hipótese H4 do estudo também foi aceita, posto que foi observado que a ansiedade em situações de mentira correlacionou-se negativamente com a desejabilidade social. Isso significa que quanto mais um indivíduo sente ansiedade ao mentir, menos ele estará alinhado com o comportamento ou expressão condizente às normas sociais ligadas à desejabilidade social, sendo este um comportamento menos apreciado por outras pessoas. Esse resultado também é apresentado no estudo de Tissera

et al. (2021), o qual mostrou que as pessoas com maior ansiedade social eram menos estimadas nas interações sociais e tinham maiores dificuldades em estabelecer novos relacionamentos, bem como o estudo de Buta et al. (2020) que discutiu que uma desejabilidade social em níveis reduzidos pode estar associado a uma maior frequência de mentiras, trazendo uma discussão ampliada sobre o assunto.

Constatamos, ainda, que a internalidade exerceu papel moderador significativo na relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa, o que confirma a hipótese H5. Precisamente, níveis altos da internalidade tornam mais forte a relação entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa. Podemos compreender a partir desses dados que quanto mais o indivíduo acredita ser responsável pelo que ocorre em sua vida, maior a associação entre conduta mentirosa e culpa, pois atribui a si próprio as consequências desse comportamento. Por outro lado, para níveis menores da internalidade, mais fraca a relação entre essas variáveis, de modo que indivíduos que não acreditam ser responsáveis pelo que lhes ocorre, tendem a experimentar menos culpa por seu comportamento de mentir. Os aspectos envolvidos na internalidade, como o alto senso de responsabilidade por suas ações e a autocrítica, podem levar os indivíduos a sentirem ansiedade, estresse ou medo em caso de desacordo com as normas sociais e morais (Ketler-Mytnytska & Shevchenko, 2022), portanto, a internalidade é vinculada ao sentimento de culpa em situações ou comportamentos que estiverem fora dos padrões sociais desejáveis (Vasiliu, 2017).

Considerações finais

Diante do que foi discutido ao decorrer do estudo, foi possível compreender a influência da internalidade nas relações existentes entre a ansiedade em situações de mentira e a culpa, assim como apurar as relações negativas existentes entre a culpa (total e subjetiva) e a ansiedade em situações de mentira com o fator internalidade do locus de controle e a desejabilidade social. Esses achados principais do estudo destacam como as crenças de responsabilidade (locus de controle) atuam na experimentação da culpa e da ansiedade na situação de mentira, o que soma à literatura acerca da temática.

É importante, apesar dos achados, destacar alguns pontos fracos da pesquisa. Uma limitação diz respeito ao tamanho e diversidade da amostra, o que dificulta a generalização dos resultados obtidos para a população. Outra limitação é referente à fidedignidade do autorrelato nas respostas dadas aos instrumentos utilizados, sujeitas ao efeito da desejabilidade social. Deve ser destacado, ainda, que não foi realizado nenhum procedimento para checagem da atenção na emissão das respostas pelos participantes, o que pode comprometer a qualidade das mesmas. Como sugestão, estudos futuros podem utilizar amostras maiores e mais diversificadas regionalmente e com transculturalidade, assim como a utilização de outros métodos de estudo e medidas, como estudos experimentais e com uso de medidas implícitas.

Podemos afirmar que o presente estudo fornece conhecimento científico sobre a temática, que ainda é escassa no Brasil, expandindo e contribuindo as discussões na literatura, despertando interesse na produção de conhecimento e possibilitando a realização de novos estudos sobre fatores sociais e cognitivos relacionados às variáveis consideradas nesta ocasião. Por fim, é relevante analisar sobre a utilidade que a referida pesquisa pode oferecer à prática psicológica em suas diversas áreas, sendo possível obter um maior apoio científico no desenvolvimento de novas práticas e intervenções mais eficazes para lidar com problemas relacionados à saúde mental, como depressão, ansiedade e outros transtornos no campo clínico, assim como na construção de recursos que viabilizem a percepção ampliada dos construtos supracitados. Quanto aos aspectos sociais, o estudo pode contribuir na explicação de fenômenos sociais, como corrupção, tomada de decisões e desigualdades sociais, bem como pode permitir o desenvolvimento de políticas públicas para promoção de comportamentos éticos e responsáveis e a elaboração de instrumentos que facilitem a realização de inquéritos policiais. Na área educacional, promoção de palestras e cartilhas didáticas a fim de proporcionar redução no comportamento voltado à mentira, assim como no sentimento de culpa e ansiedade decorrente deste, e de tal modo orientar a sociedade para equidade, posicionamento justo e bom senso.

Referências

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Revista Avaliação Psicológica*, 16(03). <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Antonetti, P., & Baines, P. (2015). Guilt in marketing research: An elicitation–consumption perspective and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 17(3), 333–355. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12043>
- Aquino, T. A. A., & Medeiros, B. (2009). Escala de culpabilidade: construção e validação de construto. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 77-86. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027279007>
- Arruda, D. A. de, & Souza, D. H. (2020). For whom is it worth lying? Prosocial lies in school children. *Paidéia*, 30, e3019. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3019>
- Bandeira, M., Quaglia, M. A. C., Bachetti, L. da S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. de. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 111–121. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2005000200001>
- Bergen, N., & Labonté, R. (2019). “Everything Is perfect, and We Have No problems”: Detecting and Limiting Social Desirability Bias in Qualitative Research. *Qualitative Health Research*, 30(5), 783–792. <https://doi.org/10.1177/1049732319889354>
- Braun, M., Naor, L., Hasson-Ohayon, I., & Goldzweig, G. (2022). Oncologists’ Locus of Control, Compassion Fatigue, Compassion Satisfaction, and the Mediating Role of

Helplessness. *Current Oncology*, 29(3), 1634–1644.
<https://doi.org/10.3390/currenocol29030137>

Buta M., Visu-Petra G., Koller S. H., & Visu-Petra L. (2020). A little lie never hurt anyone: attitudes toward various types of lies over the lifespan. *Psychology in Russia: State of the Art*. 13(1) 70-81. <https://doi.org/10.11621/pir.2020.0107>

Butean, I., Mone, I., Visu-Petra, L., & Opre, A. (2020). Predictors of individual differences in lie acceptability in adolescence: Exploring the influence of social desirability, callous unemotional traits and somatization. *Journal of Evidence-Based Psychotherapies*, 20(2), 51–66. <https://doi.org/10.24193/jebp.2020.2.11>

Christopher, A. N., Saliba, L., & Deadmarsh, E. J. (2009). Materialism and well-being: The mediating effect of locus of control. *Personality and Individual Differences*, 46(7), 682–686. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.01.003>

Coleta, M. F. D. (1987). Escala multidimensional de locus de controle de Levenson. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(2), 79-97.
<https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/19592>

Collins, C. (2020). Is Maternal Guilt a Cross-National Experience? *Qualitative Sociology*, 44(1), 1–29. <https://doi.org/10.1007/s11133-020-09451-2>

Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349–354. <https://doi.org/10.1037/h0047358>

Faccini, F., Gazzillo, F., Gorman, B. S., Luca, E., & Dazzi, N. (2020). Guilt, Shame, Empathy, Self-Esteem, and Traumas: New Data for the Validation of the

Interpersonal Guilt Rating Scale–15 Self-Report (IGRS-15s). *Psychodynamic Psychiatry*, 48(1), 79–100. <https://doi.org/10.1521/pdps.2020.48.1.79>

Farias, T. M., Falcke, D., & Serralta, F. B. (2022). Percepções e atitudes dos psicoterapeutas sobre pacientes negros: estudo piloto para avaliação da deseabilidade social. *Research, Society and Development*, 11(14), e145111436656. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36656>

Gazzillo, F., Fimiani, R., De Luca, E., Dazzi, N., Curtis, J. T., & Bush, M. (2020). New developments in understanding morality: Between evolutionary psychology, developmental psychology, and control-mastery theory. *Psychoanalytic Psychology*, 37(1), 37–49. <https://doi.org/10.1037/pap0000235>

Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling [White paper]. <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>

Hooge, I. E., Nelissen, R. M. A., Breugelmans, S. M., & Zeelenberg, M. (2011). What is moral about guilt? Acting “prosocially” at the disadvantage of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(3), 462–473. <https://doi.org/10.1037/a0021459>

Júnior, B., & Patrício, J. (2022). Social desirability bias in qualitative health research. *Revista de Saúde Pública*, 56(56), 101. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004164>

Kaplánová, A., & Gregor, A. (2021). Self-acceptance, Shame Withdrawal Tendencies and Resilience as Predictors of Locus of Control of Behavior. *Psychological Studies*, 66(1), 85–91. <https://doi.org/10.1007/s12646-020-00589-1>

- Ketler-Mytnytska, T., & Shevchenko, N. (2022). The Relationship between Internality and Self-development of Psychology Students: the Effect of Optimistic Attributional Style. *Social Welfare, 12*, 56–70. <https://doi.org/10.15388/sw.2022.12.14>
- Levenson, H. (1973). Multidimensional locus of control in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 41*(3), 397–404. <https://doi.org/10.1037/h0035357>
- Mays, C. J., & Krueger, L. E. (2021). Does Locus of Control Influence Parentification and Anxiety in Father–Daughter Relationships? *Journal of Family Issues, 42*(12), 2881–2895. <https://doi.org/10.1177/0192513X21993187>
- Mills, P., & Groening, C. (2021). The role of social acceptability and guilt in unethical consumer behavior: Following the crowd or their own moral compass? *Journal of Business Research, 136*, 377–388. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.07.021>
- Ribas Jr, R. C., Moura, M. L. S., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica, 3*(2), 83–89. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712004000200003&script=sci_arttext
- Stapinski, L. A., Abbott, M. J., & Rapee, R. M. (2010). Fear and perceived uncontrollability of emotion: Evaluating the unique contribution of emotion appraisal variables to prediction of worry and generalised anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy, 48*(11), 1097–1104. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.07.012>
- Tahrir, Nurdin, F. S., & Damayanti, I. R. (2020). The Role of Critical Thinking as a Mediator Variable in the Effect of Internal Locus of Control on Moral

Disengagement. *International Journal of Instruction*, 13(1), 17–34.
<https://eric.ed.gov/?id=EJ1239192>

Tangney, J. P. (1990). Assessing individual differences in proneness to shame and guilt: Development of the Self-conscious Affect and Attribution Inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 102-111. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.1.102>

Tangney, J. P., Stuewing, J., & Mashek, D. J. (2007). Moral emotions and moral behavior. *Annual Review of Psychology*, 58, 345-372.
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070145>

Teixeira, S. P. de A., Calou, A. L. F., & Fernandes, R. M. M. (2019). A Mentira como um hábito Disfuncional: Um estudo sobre a Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento da Mitomania / Lie like a diffictional habit: a study on cognitive-behavior therapy in treatment of mythomania. *ID on Line Revista de Psicologia*, 13(47), 966–980. <https://doi.org/10.14295/idonline.v13i47.2098>

Tissera, H., Gazzard Kerr, L., Carlson, E. N., & Human, L. J. (2021). Social anxiety and liking: Towards understanding the role of metaperceptions in first impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 121(4), 948–968. <https://doi.org/10.1037/pspp0000363>

Toti, J.-F., Diallo, M. F., & Huaman-Ramirez, R. (2021). Ethical sensitivity in consumers' decision-making: The mediating and moderating role of internal locus of control. *Journal of Business Research*, 131, 168–182.
<https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.03.045>

Vasconcellos, S. J. L., Cas, A. R., Rocha, A. M., Mazarro, C. D., Lima, A. L. D., Maliska, J. K. L., & Alves, M. V. S. (2022). Personalidade e Ansiedade em Situações de

Mentira: Um Estudo Exploratório. *Revista de Psicologia da IMED*, 14(1), 197-212.
<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4594>

Vasconcellos, S. J. L., Santos, B. S., Morais, L. Q., Ferraz, R. C., Freitas, P. O., & Silveira, J. F. (2016). Evidências de validade de uma escala para ansiedade em situações de mentira. *Avaliação Psicológica*, 15(3), 338-390.
<https://doi.org/10.15689/ap.2016.1503.11>

Vasiliu, D. (2017). The model of interaction between optimism, locus of control and hardiness. *Romanian Journal of Psychological Studies, Hyperion University*, 5(1), 21–28.
http://rjps.hyperion.ro/wp-content/uploads/2017/04/RJPS_nr_51_2017_A3_Vasiliu.pdf

Waller, R., Wagner, N. J., Barstead, M. G., Subar, A., Petersen, J. L., Hyde, J. S., & Hyde, L. W. (2020). A meta-analysis of the associations between callous-unemotional traits and empathy, prosociality, and guilt. *Clinical Psychology Review*, 75, 101809. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2019.101809>

Xu, J. (2021). The impact of guilt and shame in charity advertising: The role of self-construal. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 27(1). <https://doi.org/10.1002/nvsm.1709>